# COM UM PÉ NA ESCOLA E OUTRO NA CIDADE: A EXPERIÊNCIA DA REDE DO 3º CICLO NO OLHAR DE PAULO FREIRE

**ALVAREZ LEITE,** Lucia Helena – UFMG < lualvarez@terra.com.br>

**RESUMO**
O trabalho procura analisar uma experiência vivida com jovens da Rede Municipal de Belo Horizonte, utlizando, para isto, as idéias de Paulo Freire sobre educação, cultura, compromisso político dos educadores. O texto aponta caminhos para se pensar uma escola para a juventude, que considere estes jovens como sujeitos culturais e cidadãos de direitos, propondo uma educação na fronteira entre a escola e a cidade.
**PALAVRAS-CHAVE:** CULTURA JUVENIL - ESCOLA CIDADÃ - CIDADE EDUCADORA

**ABSTRACT**
The work seeks to analyze an experience lived with young people from the Rede Municipal de Belo Horizonte, using, for that, the ideas of Paulo Freire on education, culture and the political compromise of the educators. The text suggests ways to think a school for youth, which considers these young people as cultural subjects and citizens of rights, proposing an education on the border between the school and city.
**KEYWORDS:** YOUTH CULTURE – CITIZEN SCHOOL – EDUCATIVE CITY

## I- INTRODUÇÃO

O projeto “Rede do 3º Ciclo” nasceu em 2003, com objetivo de acompanhar o processo de formação de alunos do 3º ciclo[1] da Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte que estavam com defasagem em relação aos conteúdos do ciclo, principalmente na leitura e na escrita; além de ter a intenção de construir algumas propostas de trabalho para serem desenvolvidas com alunos do 3º ciclo, buscando contribuir para a superação de alguns problemas vividos nas escolas, como o da falta de envolvimento dos alunos e o da dificuldade de formá-los como leitores e escritores competentes.

[1] A Rede Municipal de Belo Horizonte organiza o Ensino Fundamental por Ciclos de Formaçñao Humana, assim distribuídos: 1º ciclo com alunos de 6, 7 e 8/9 anos; 2º ciclo com alunos de 9, 10 e 11/12 anos e 3º ciclo com alunos de 12, 13 e 14/15 anos.

Na época, havia um debate na Rede Municipal de Belo Horizonte sobre a relação entre ciclo e qualidade de ensino. Havia uma posição que defendia que os ciclos teriam piorado a qualidade de ensino e que a solução seria reestabelecer a retenção, como instrumento de garantia de um melhor aprendizado.

De outro lado, havia os que defendiam que a retenção não traria uma melhoria da qualidade da aprendizagem destes aluno e sim sua exclusão da escola. Garantir a permanência destes alunos na escola havia sido uma grande conquista. Agora, o que se necessitava era aprender a trabalhar com este perfil de alunos. Como eles nunca haviam permanecido tanto tempo na escola, não existia "competência formada" para que se realizasse uma intervenção pedagógica de qualidade, no sentido de auxiliá-los em seu processo de formação.

Deste debate, surgiu a Rede do 3º Ciclo, na época com o nome de Projeto Emergencial de Alfabetização para o 3º ciclo, com o desafio de pensar propostas de intervenção que pudessem auxiliar o 3º Ciclo neste grande desafio.

Desde o início, percebíamos como seria difícil o desafio, pois tínhamos poucos referenciais, poucas experiências que abordassem as várias questões que envolviam o nosso dia a dia: adolescência e alfabetização, adolescentes e sua relação com o saber e com a escola, adolecentes e cidadania. Esses adolescentes tinham um perfil muito específico: na sua maioria, homens, negros, pobres, residentes em favelas.

Organizamos turmas específicas fora do horário regular da escola. Após um levantamento de quantos seriam, formamos 24 turmas espalhadas pela cidade. Cada turma, localizada dentro de uma escola ou de outro espaço comunitário, recebia alunos de várias escolas ao redor.

A partir de 2004, percebemos que a estrutura da escola estava impedindo a construção da autonomia e da responsabilidade dos alunos do projeto. Sem espaço para negociação de regras de convivência, de liberdade para, inclusive, cometer equívocos, percebems que era preciso buscar espaços onde estes alunos tivessem que se responsabilizar por ele.

Decidimos, então, desenvolver o projeto em espaços não-escolares: parques, salões de igreja, equipamentos públicos. Também neste ano conseguimos introduzir, na equipe de educadores do Projeto, a figura dos agentes culturais, jovens vinculados a movimentos culturais, a maioria com trajetória semelhante à dos alunos do projeto. Estes agentes

culturais, falando a mesma linguagem, conhecendo a realidade da periferia, dando exemplos bem próximos dos alunos, possibilitaram a mediação de dois mundos tão distantes: o da escola e o da juventude de periferia, da qual os alunos do projeto faziam parte. Neste ano, contamos com 18 professoras alfabetizadoras, 09 agentes culturais e 315 alunos.

Na avaliação feita no final de 2004, constatamos o aumento da autonomia, da responsabilidade, o que resultou na construção positiva destes alunos como cidadãos ao estar fora dos muros da escola. Entretanto, estar longe do ambiente escolar aumentou o não envolvimento da escola, percebido através da atitude dúbia do aluno (no projeto era interessado, participativo; na escola era infreqüente e passivo) ou do desconhecimento da existência do projeto pelas escolas.

Em 2005, partindo do acúmulo dos anos anteriores, decidimos retornar para as escolas, agora buscando uma maior participação de cada escola com o projeto, envolvendo inclusive professores do 3º ciclo destas escolas. Também ampliamos os objetivos do projeto, direcionando-o para a construção de práticas educativas que constituíssem uma escola sensível às especificidades da juventude, principalmente para a juventude em risco social.

Pensando dessa maneira, em 2005, o projeto retorna para a escola e toma novos rumos, transformando-se na "Rede do 3º ciclo - Projeto de Tempo Integral". Os alunos continuam sendo atendidos em horário extra-escolar mas, além da professora alfabetizadora e do agente cultural, passamos a contar com a presença de professores do 3ºciclo da escola, que já trabalhavam com estes alunos.

No ano de 2006, ampliamos ainda mais a entrada de alunos e professores do projeto, tendo alguns eixos de referência para o trabalho: a alfabetização e letramento, ou seja, a cultura escrita; as questões relacionadas a aprendizagem e juventude; a inserção na cidade e a relação com o 3° ciclo da escola.

Este texto pretende ser um espaço de reflexão de toda experiência vivida e como tal está escrito com base nos inúmeros relatos escritos por educadores do Projeto[2], ao longo de

[2] Este texto foi construído a partir das análises dos relatórios feitos pelas escolas integrantes do projeto e que se encontram arquivados na SMED/PBH

todos estes anos, na tentativa de sistematizar a reflexão vivida e dar visibilidade a esta experiência.

Neste diálogo, usaremos a experiência da Rede do 3º Ciclo e as idéias de Paulo Freire, educador brasileiro que foi e ainda é o maior represente de um coletivo de educadores que tem um compromisso social vinculado à luta pelo direito à educação. Direito que, historicamente, vem sendo negado, no Brasil e em todo mundo, a grupos sociais marginalidados, como os que os jovens do Projeto fazem parte.

Sendo um projeto bastante específico em suas condições de implementação, as experiências da Rede do 3º Ciclo são próprias deste tipo de projeto e não podem ser transpostas de forma mecânica ao 3º Ciclo como um todo. Mas, apesar de sua especificidade, há reflexões construídas neste processo que apontam para a necessidade de uma maior reflexão sobre alguns aspectos da organização do 3º ciclo, para que ele se configure como espaço de formação para os jovens que dele fazem parte.

## II- UM NOVO OLHAR SOBRE OS SUJEITOS

Estamos vivendo um momento bastante desafiante no que se refere à formação de uma grande parcela de jovens presentes em nossas escolas. São desafios que colocam em xeque a própria função da escola como instituição educativa para estes jovens, já que, fora da escola, muitos continuam aprendendo e se educando, em movimentos culturais, em grupos de igreja, em land houses e até mesmo na rua, na busca de um trabalho. Mas o que fazer diante destes desafios? Como garantir que as escolas sejam um espaço de formação significativo para seus estudantes?

A resposta pode ser buscada em expriências educativas protagonizadas pelos Movimentos Sociais no início da década de 60 e reveladas principalmente pelas idéias de Paulo Freire. Destas idéias, talvez a mais radical seja a que redireciona o nosso olhar sobre os educandos.

Foi em 1958, no II Congresso Nacional de Alfabetização de Adultos, que Paulo Freire apresenta uma proposta que revoluciona o olhar sobre o adulto analfabeto. Até aquele momento, todas as ações desenvolvidas no campo da Alfabetização de Adultos, principalmente através de Campanhas, tinham um olhar muito negativo sobre estes adultos.

Eram vistos como fracassados, incapazes, como aqueles que impediam o progresso do Brasil. Paulo Freire chega neste congresso com um relatório intitulado *"A Educação de Adultos e as populações marginais: o problema dos mocambos"*, desconstruindo esta visão negativa dos adultos analfabetos. Revela que estes adultos, apesar de não saberem ler e escrever, são detentores de conhecimento, são sujeitos de uma rica cultura e que a questão do fracasso no seu processo de escolarização está na inadequação das propostas pedagógicas dirigidas a estes sujeitos. Defende a idéia de que a educação tem que partir daquilo que o educando sabe, considerando-o como sujeito sócio-cultural. Somente nesta perspectiva, defende Paulo Freire neste congresso, haveria êxito nos trabalhos de alfabetização desenvolvidos.

Estamos vivendo um momento semelhante ao de 1958, se considerarmos a alfabetização de jovens no Brasil. Fruto das muitas políticas públicas de educação inclusiva, entre elas, a Escola Plural, temos, hoje, nas escolas, um grande contingente de jovens em processo de alfabetização; jovens que, até pouco tempo, estavam excluídos deste espaço. Garantir sua presença foi uma grande conquista, mas ainda insuficiente. O desafio agora é garantir o seu processo de aprendizagem e esse tem sido o esforço de muitos educadores brasileiros. No entanto, muitas vezes, esse esforço parte de um olhar bastante negativo sobre estes jovens, vistos sempre na perspectiva do "não": não sabem ler e escrever, não sabem obedecer regras, não respeitam os outros, não têm interesse.

É nesta perspectiva que as idéias de Paulo Freire podem, em muito, contribuir para uma mudança deste olhar, passando a vê-los como sujeitos capazes de produzir conhecimento, com trajetórias de muitas aprendizagens (ainda que fora da escola), com capacidades e responsabilidades. O problema da não-aprendizagem desloca-se do sujeito educando para centrar-se na conexão entre os saberes escolares e os saberes de experiência destes jovens.

Podemos dizer que a Rede do 3º Ciclo aprendeu esta lição. Desde o início do Projeto, definimos alguns princípios que continuam a balizar nossas ações. Entre eles, alguns dizem respeito à forma de olhar estes educandos

- O aluno deve ser sujeito do processo, o que significa envolvê-lo, desde o início, na definição dos rumos do trabalho, na construção de regras de funcionamento da turma, no processo de registro e avaliação da experiência vivida.

- A aprendizagem deve ser significativa para que realmente ocorra, o que nos exige uma postura de escuta em relação aos alunos, para encontrar pontos de conexão entre os processos de ensinar e de aprender.

Considerar o educando como sujeito e protagonista exige mudanças reais nas formas de conduzir a vida na escola. Sabemos que a adolescência é um momento de grandes mudanças e desafios e uma de suas grandes reivindicações é o direito de participar dos rumos da sua vida. O protagonismo juvenil, no Projeto, saiu do discurso e foi para a prática. Tudo é discutido, conversado, debatido, enfrentado junto com os alunos e não para eles. O resultado tem sido a construção de uma responsabilidade coletiva sobre as regras, as ações, as parcerias construídas. E o exemplo mais claro tem sido os nossos "Encontrões" , encontros realizados em parques com mais de 400 jovens do Projeto, totalmente organizados com eles, sem registro de qualquer tipo de incidente.

Quem tem coragem de reunir, em espaços tão aberto, 400 jovens com o perfil dos que participam da Rede do 3º Ciclo? Somente aqueles que acreditam, que "apostam" nestes jovens, aposta já explicitada em um texto escrito em 2004 sobre esta experiência:

> Se hoje podemos avaliar que houve um grande avanço na interação entre as professoras e seus alunos, também é preciso reconhecer que isto exigiu muito esforço e só foi possível porque estas professoras assumiram este desafio, *acreditando sempre nos alunos e em suas possibilidades, inclusive quando eles mesmos quase tinham desistido deles mesmos,* como afirma uma professora em seu depoimento. A mudança na postura e na forma de conviver com o grupo não foi somente dos alunos. Todas as professoras também se modificaram, tanto pessoalmente como profissionalmente, pois, como disse uma professora do projeto, *"ninguém sai ileso de um encontro com outra pessoa".*

A questão colocada, hoje, para o 3º Ciclo, é de base: que olhar temos sobre nossos alunos? Como o consideramos em nossa prática? Até que ponto reconhecemos suas competências, seus conhecimentos de experiência? Até que ponto apostamos na sua capacidade de aprender?

Sem esse olhar, corremos o risco de ficar como estavam os educadores no final da década de 50: buscando superar o desafio mas por caminhos equivocados.

Por outro lado, esse olhar precisa sair do discurso, dos objetivos de início de ano e dos encontros de formação e chegar até a prática da escola, da sala de aula. Neste sentido, este novo olhar exige uma mudança mais radical, na forma de organizar os tempos, os espaços, as regras de convivência, as áreas de conhecimento.

## III- UMA OUTRA FUNÇÃO PARA OS CONTEÚDOS DAS DISCIPLINAS

Se colocamos o sujeito no centro do processo educativo, é preciso recolocar o lugar dos conteúdos das disciplinas. Este tem sido um grande desafio para todas as escolas e foi também para nós, da Rede do 3º Ciclo.

Os conteúdos escolares, entre eles, a leitura e a escrita, para estes alunos, sempre foram instrumentos de exclusão e discriminação. Pelo fato de não lerem com a mesma competência de seus pares de idade, eles se sentiram desvalorizados, desacreditados, desautorizados diante de seu grupo de amigos. É lógico, então, entender suas dificuldades e resistências.

No Projeto, nosso primeiro desafio foi o de se criar um ambiente onde ler e escrever deixassem de ser tarefas escolares para se transformarem em práticas culturais, instrumentos de expressão e comunicação. Isto fez parte dos princípios definidos por nós, desde 2003:

- A leitura e a escrita devem ser vistas como práticas culturais, o que significa criar situações reais de uso de escrita e leitura em sala de aula, buscando ampliar as experiências de letramento dos alunos.
- As atividades devem ser variadas e conectadas com o universo cultural dos alunos, o que significa pensar projetos que envolvam temas e atividades próprias da juventude, principalmente no campo das artes.

Descobrimos, com a Rede do 3º Ciclo, o vínculo direto entre letramento e cidadania. A leitura e a escrita são importantes instrumentos de uma sociedade letrada e a necessidade de dominar estes instrumentos está diretamente relaccionada à inserção nesta sociedade. Os

alunos do Projeto não se sentem cidadãos com direitos dentro desta sociedade, sempre viveram uma situação de exclusão e marginalidade, reforçada por seu baixo rendimento escolar. Cria-se, então, um círculo vicioso, difícil de ser superado, entre exclusão social e exclusão escolar. Esta superação pode ser buscada, mais uma vez, no pensamento de Paulo Freire, sintetizado em uma de suas afirmações mais conhecidas:

> a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele (…) …a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo, mas por uma certa forma de "escrevê-lo" ou "reescrevê-lo, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente. (A importância do ato de ler)

Na proposta de educação de Paulo Freire, não há como desvincular alfabetização e letramento de cidadania e participação. Toda leitura da palavra vem carregada de uma determinada leitura de mundo, não há como ignorar esta visão de mundo do educando e do educador, ao se pensar em um processo de alfabetização. Por outro lado, "a leitura da palavra" vai possibilitando uma continuidade da leitura do mundo, entendendo, assim, a leitura e a escrita como potentes instrumentos para uma compreensão mais "consciente" do mundo, desde que vinculadas a uma prática cultural e política. Para isto, é preciso que os educandos sejam vistos como sujeitos, protagonistas de seu processo de alfabetização, sejam crianças, jovens e adultos.

Assim, para Paulo Freire, uma criança, um jovem e um adulto, que não sabem ler, têm processos de alfabetização distintos, pois sua forma de ser e estar no mundo são distintas. Também será distinto o processo de aprendizagem de crianças da favela de uma grande cidade do vivido por crianças indígenas ou de crianças camponesas. Na proposta de educação de Paulo Freire está implícita a idéia de ciclos de formação, que, infelizmente, tem sido muito mal compreendida por muitos educadores.

Se os conteúdos curriculares são instrumentos culturais, é preciso, então, refletir sobre a cultura experiencial destes alunos, para que a intervenção pedagógica seja adequada. Percebemos, na Rede do 3º Ciclo, que sem entender o sentido do grafite, do rap, sem conseguir entender o sentido da linguagem destes jovens, teríamos pouca chance de intervir em seu processo de formação. Mais que negar esta cultura, foi preciso conhecê-la,

sintonizar com ela, já que sabíamos que nosso papel era o de educador de um grupo de jovens e não professor de uma determinada matéria.

Até que ponto, em nossas escolas do 3º Ciclo, temos conseguido recolocar o lugar dos conteúdos escolares? Até que ponto conseguimos criar uma conexão real e significativa entre a cultura acadêmica e a cultura experiencial destes jovens?

Criar um vínculo entre os conteúdos acadêmicos e a experiência dos alunos do 3º Ciclo pode ser um importante caminho para superar muitas das ”dificuldades de aprendizagem” que os professores do 3º Ciclo encontram em seu cotidiano.

## IV- UM REPENSAR DE TEMPOS E ESPAÇOS

A Rede do 3º Ciclo não coincide com o turno de estudo dos alunos, obrigando estes jovens a permanecerem na escola em horário integral. Isto nos trouxe um grande desafio: o de repensar tempos e espaços. Cansados de estudar e não alcançar os resultados esperados, desacreditados das possibilidades dadas pelo espaço escolar, necessitados de trabalhar ou desejosos de brincar e passear, estes jovens tinham pouca disposição para frequentar o Projeto.

Buscamos, então, transformar o espaço do Projeto em um espaço com a “cara” destes jovens. Desde o início, a organização dos tempos e dos espaços foi pensada junto com eles, buscando uma identidade de grupo, transformando a sala do Projeto em espaço cultural, coordenado por todos. Sempre foi neste espaço que decisões foram tomadas. “Como organizar o nosso tempo nas atividades definidas por nós? Que espaços escolares usar e em que momentos? Que lugares visitar e com que objetivos?” são perguntas orientadoras do trabalho cotidiano da Rede do 3º Ciclo. Tempo e espaço são constantemente redefinidos a partir das necessidades do grupo, das propostas e dos projetos desenvolvidos.

Paulo Freire já propunha, na década 60, a criação de círculos de cultura, espaços de debate sobre o mundo, seus conflitos, seus avanços e desafios. Este é um grande desafio para nossas escolas: transformar-se em espaços culturais, espaços vivos de cultura e de aprendizagem. Para isto, é preciso repensar o uso do tempo e do espaço, muitas vezes, tão fragmentados em disciplinas, turmas, horários, grades.

Mesmo contratados por disciplinas, sabemos que a maioria dos professores do 3º Ciclo fica em uma mesma escola durante todo um período escolar. Isto significa que há, em cada turno, um coletivo de educadores e um coletivo de educandos com muitas possibilidades de interação. Por que não se pensar em outras formas de organização curricular, que não sejam feitas apenas a partir dos conteúdos? Por que um horário definido no início do ano não sofre nenhuma modificação ao longo de todo ano letivo?

Sabemos que a mudança não é fácil. A organização rígida de tempos e espaços faz parte de uma cultura escolar arraigada nos procedimentos burocráticos, nos materiais didáticos, no imaginário social. De toda forma, acreditamos que este pode ser o rumo para fazer da escola um espaço significativo de aprendizagem e socialização.

## V- UMA RECONSTRUÇÃO DAS REGRAS DE CONVIVÊNCIA

A experiência da Rede do 3º Ciclo mostrou que o exercício de construção coletiva de um projeto, incluindo a de suas normas, regras e a definição de responsabilidades não é nada fácil, mas é essencial. Sabendo que a aprendizagem depende da qualidade das interações, tínhamos clareza, desde o início, da necessidade de se construir um espaço rico de troca e cooperação entre os alunos do Projeto.

O processo foi lento mas os resultados revelaram um amadurecimento dos jovens no sentido de assumir, como próprias, as normas construídas coletivamente. No projeto, estes alunos, sempre os mais transgressores na escola, passaram a assumir responsabilidades até então impensáveis para eles: desde planejar as atividades e definir regras até circular sozinho pela escola em busca de algum material ou andar pelo bairro de forma autônoma.

Neste sentido, a experiência nos revelou os limites e os desafios de se pensar no processo de formação dentro da instituição escolar. Necessitando de normas e regras para que os diversos grupos possam conviver dentro de um mesmo espaço, a cultura escolar acaba por criar uma organização que, contraditoriamente, acaba, muitas vezes, por dificultar o processo de construção de limites e responsabilidades pelos alunos, diretamente relacionados com a construção da autonomia dos sujeitos.

Descobrimos que se tudo está estabelecido, se tudo está controlado, o espaço para a negociação de significados fica bastante limitada, cabendo a estes sujeitos apenas o papel de obedecer ou de transgredir estas normas. O contraponto do autoritarismo é a falta de responsabilidade dos que não se sentem sujeitos do processo e a prática de muitas escolas tem confirmado isto. O desafio é criar uma organização escolar sem que isto tenha que significar, necessariamente, a morte do sujeito, o abandono do diálogo.

Paulo Freire enfatizava a importância de vivenciarmos uma educação dialógica, rompendo com uma educação bancária, tão presente em nossas escolas.

Para isto, muitas escolas têm criado mecanismos de participação como a prática de assembléias com alunos, fóruns de debate e negociação, espaços de crítica e negociação. Infelizmente, algumas experiências escolares têm ido na direção contrária, endurecendo as leis, cerceando o diálogo, acreditando que a colocação de grades e cercas elétricas vai trazer segurança e evitar a violência daqueles que, já excluídos socialmente, se sentem também excluídos dentro da escola e reagem, de forma violenta, a esta situação.

A construção de um grupo de troca e interação é a base para qualquer processo de aprendizagem. Sem interação não há crescimento, não há possibilidade de ampliação do conhecimento. A aprendizagem é um processo social e qualquer proposta pedagógica para ser significativa e relevante, precisa passar pela democratização do espaço escolar, processo dificil e conflituoso, mas necessário e possível.

## VI- A INSERÇÃO EM ESPAÇOS PÚBLICOS

Sabendo que sentir-se cidadão desta sociedade é condição para desencadear qualquer processo de apropriação de instrumentos culturais, buscamos, na Rede do 3º Ciclo, transformar os espaços públicos da cidade em espaços de formação.

As atividades da Rede do 3º Ciclo nunca se reduziram à sala de aula, pois tínhamos clareza de que a aprendizagem não pode ser trancada em quatro paredes, principalmente quando o grupo de educandos é composto por adolescentes inquietos e acostumados à liberdade das ruas de seu bairro. Mesmo sem recursos e condições para circular com estes alunos pelos

espaços da cidade, buscamos as mais variadas estratégias para sair com os alunos do espaço de sala de aula.

Idas ao correio para postar cartas, visitas a museus para apreciar obras de arte, passeios em praças, shoppings, caminhadas pelas ruas da cidade foram experiências que proporcionamos aos jovens do Projeto e que, para muitos, foram as primeiras saídas em espaços um pouco mais distantes do seu bairro de origem.

A princípio, muito tímidos e desconfiados, depois mais seguros e desinibidos, estes jovens passaram a "ocupar" espaços públicos, aprendendo, na prática, o que significa ser cidadão, pertencer a uma cidade.

Neste sentido, as saídas, as excursões, mais que passeios, se constituíram em momentos de vivência da cidadania, onde, nestes momentos, os jovens do Projeto puderam compreender o significado de espaço público e perceber que também eles têm o direito de participar destes espaços, ainda que, em muitos momentos, tenham tido este direito negado.

Como Paulo Freire já nos dizia, numa educação cidadã:

> "Não basta saber ler que Eva viu a uva. É preciso compreender qual a posição que Eva ocupa no seu contexto social, quem trabalha para produzir a uva e quem lucra com esse trabalho." (Educação na Cidade)

Este parece ser o desafio da proposta de uma cidade educadora: ser espaço de experiência cidadã para os seus sujeitos, transformando em espaço de formação.

## VII- A PARTICIPAÇÃO DOS AGENTES CULTURAIS

Percebendo a imensa distância entre a cultura acadêmica da escola e a cultura experiencial dos jovens do Projeto, buscamos construir conexöes entre estes dois saberes e, para isto, a presença dos agentes culturais do Projeto foi fundamental. O resultado foi bastante positivo. Conhecendo a realidade da periferia, falando a linguagem destes adolescentes, a presença dos agentes culturais deu um novo significado ao trabalho. Espelhando-se nestes agentes culturais, os jovens do Projeto foram percebendo que também podiam ser como eles, aumentando asim sua auto-estima e sua responsabilidade.

É importante ressaltar que, no Projeto, os agentes culturais nunca foram considerados apenas oficineiros, fazendo parte efetiva do grupo de educadores. Participam de todos os momentos do grupo, das reuniöes de planejamento e formação da equipe, enriquecendo, com seu olhar e expriência, as reflexões e as ações do Projeto.

As oficinas também sempre foram vistas como momentos privilegiados de formação. Participando de oficinas, estes jovens desenvolveram muitas habilidades artísticas e sociais. Mas não aprenderam só isso. Aprenderam a expressar seus sonhos e sua forma de ser. Também aprenderam muito sobre responsabilidade, respeito, organização, autonomia, aprendizagens fundamentais para qualquer estudante. As oficinas foram espaço de aprendizagem de muitos conteúdos presentes nas disciplinas já que, ao colocarem no ar, na hora do recreio, uma rádio educativa, por exemplo, estes ajovens tiveram que se deparar com uma série de questões relacionadas a linguagem, comunicação, eletrônica.

Neste sentido, a presença dos agentes culturais como educadores do Projeto possibilitou uma interação entre cultura e educação, numa configuração aproximada do que, na década de 60, foram os Movimentos de Cultura Popular, onde artistas e educadores pensavam e viviam experiências de educação popular.

Talvez pensar numa educação onde professores e artistas populares estejam juntos, pode ser um sonho mas, como nos ensina Paulo Freire, *"os sonhos são projetos pelos quais se luta" (Pedagogia da Indignação).* E para Freire,

> "os intelectuais que aderem a esse sonho tenham de selá-lo na passagem que devem realizar ao universo do povo. No fundo, tem de viver com ele uma comunhão em que, sem dúvida, terão muito o que ensinar se, porém, com humildade e não por tática, aprenderem a renascer como um intelectual ficando-novo." (Por uma Pedagogia da Pergunta)

Assim, só na interação entre artistas e educadores populares, professores e monitores se poderá construir uma escola que esteja efetivamente integrada à vida cultural da cidade. Se isto não acontecer, há o risco de se criar uma distância ainda maior entre a escola que procura formar cidadãos e da cidade que pretende ser educadora.

## VIII- A REDE DO 3º CICLO : O DIÁLOGO CONTINUA

Este texto procurou tecer, com os fios de suas reflexões, uma rede que tem pontos de

conexão com a escola e com a cidade.

Sabemos hoje, principalmente depois destes quase quatro anos de experiência, o que Paulo Freire, já em 1976, sabia:

> o analfabetismo nem é uma 'chaga', nem uma 'erva daninha' a ser erradicada (...), mas uma das expressões concretas de uma realidade social injusta." (Ação Cultural para a Liberdade)

Também, com Paulo Freire, compreendemos,

> "de modo dialético a relação entre a educação sistemática e a mudança social, a transformação política da sociedade. Os problemas da escola estão profundamente enraizados nas condições globais da sociedade." (Medo e Ousadia)

Por isto, entendemos que a Rede do 3º Ciclo não pode ser pensada nem vivida como mais uma estratégia para ajudar os alunos que fracassam na escola e sim como um projeto que se coloca na interface entre uma escola cidadã e uma cidade educadora, direito de todos e dever do Estado.

## IX – BIBLIOGRAFIA

ALVAREZ LEITE, Lúcia Helena. Escola, cultura juvenil e alfabetização: lições da experiência. In: SOARES, Leoncio; GIOVANETTI, M. Amelia; GOMES, Nilma Lino. *Diálogos na educação de jovens e adultos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

FAUNDEZ, Antonio; FREIRE, Paulo. *Por uma pedagogia da pergunta*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

FREIRE, Paulo. *Ação Cultural para a liberdade*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1981.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler em três artigos que se completam*. São Paulo: Cortez Editora, 1982.

FREIRE, Paulo. *A educação na cidade*. São Paulo: Cortez Editora, 1991.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. *Medo e Ousadia*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1986.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Indignação*. São Paulo: UNESP, 2000.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1970.